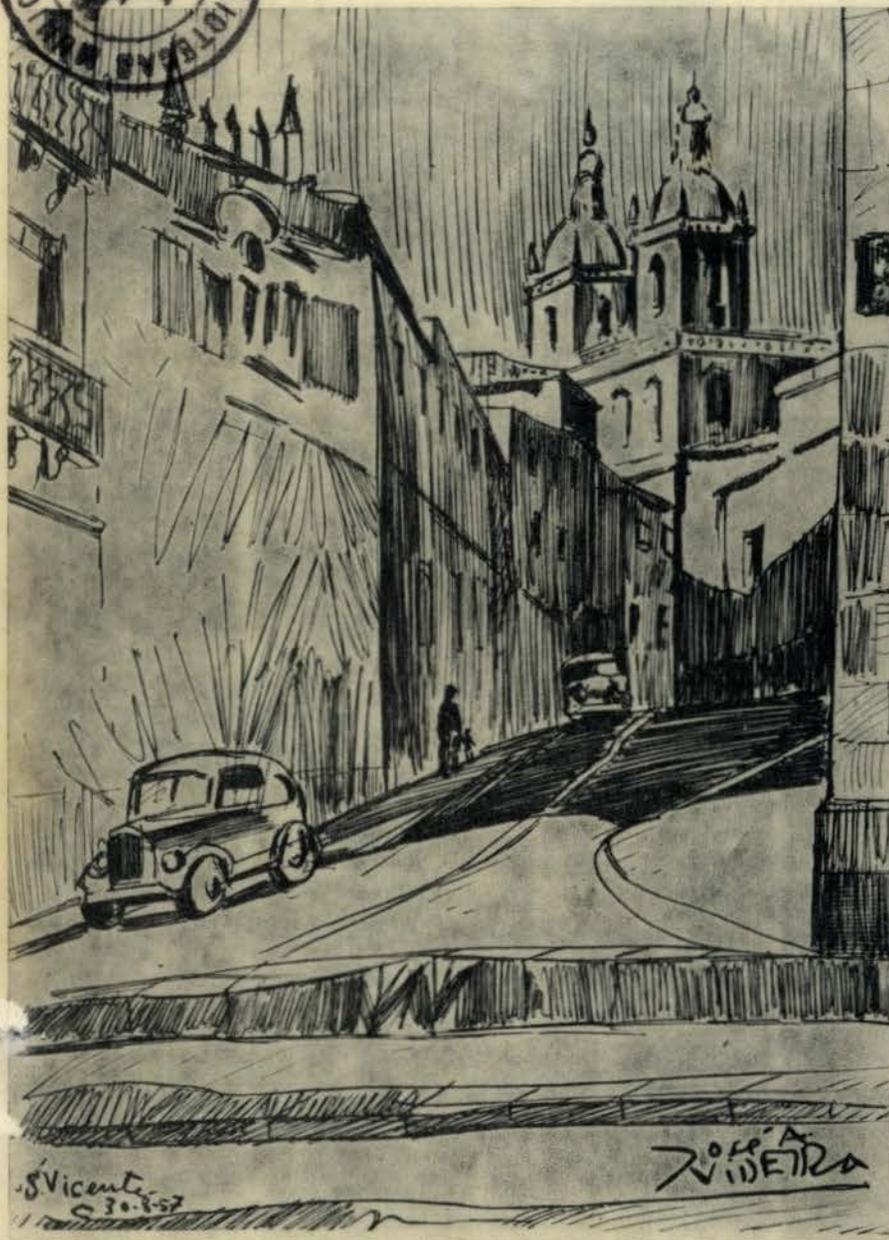


# OLISIPO

Boletim Trimestral do Grupo  
"AMIGOS DE LISBOA"



Julho/1963  
Ano XXVI  
N.º 103





**S.G.**

# **SOCIEDADE GERAL**

**DE  
COMÉRCIO,  
INDÚSTRIA  
E  
TRANSPORTES**

## **CARREIRAS REGULARES**

**DIAS 10, 15 e 25 DE CADA MÊS  
METRÓPOLE • CABO VERDE  
E GUINÉ**

---

### **MENSAIS**

**METRÓPOLE • S. TOMÉ E PRÍNCIPE  
E A N G O L A**

---

### **DE 21 EM 21 DIAS**

**NORTE DA EUROPA • LISBOA, MATADI  
E A N G O L A**

---

### **SEMANAIS**

**ANVERS • PORTUGAL**

**TRAMPING — TRANSITOS  
SERVIÇO DE REBOQUES  
FLUVIAIS E DE ALTO MAR**

**LISBOA • RUA DOS DOURADORES, 11 • TELEF. 37 0151 (8 LINHAS)  
PORTO • R. DO BULHÃO, 192-2.º • TELEF. 26555 • TELEG. GERAL PORTO**

# Pérola do Rossio

*Limitada*

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

**Envio de encomendas**

para

**Todo o País e Estrangeiro**

Rossio, 105 · Lisboa · Telef. 32 07 44

## CASA AFRICANA

●  
**PREÇOS FIXOS  
E MARCADOS  
EM TODOS OS  
ARTIGOS**

●  
**ON PARLE  
FRANÇAIS**

●  
**ENGLISH  
SPOKEN**

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvária, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

●  
**Rua Augusta, 161 - Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.  
LISBOA**

●  
**Rua Sá da Bandeira, 166 - Telef. 1361 P. B. X.  
PORTO**

**Edifício do Cruzeiro — ESTORIL**

Na

## LIVRARIA PORTUGAL

... encontra V. Ex.<sup>a</sup> livros sobre todos os assuntos escritos nas principais línguas europeias

Damos informações bibliográficas e aceitamos encomendas para todos os países

**LIVRARIA PORTUGAL**

**Rua do Carmo 70** · Telefones: 3 05 82 - 3 05 83 - 32 82 20

**Secção de revenda e armazéns** Rua da Oliveira ao Carmo, 21-23

**LISBOA-2**



SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM*

LUABO e MARROMEU

PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE

Moita

27. JUL. 1963

M.

# OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XXVI

JULHO DE 1963

NÚMERO 103

Director, o Presidente da Junta Directiva

FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"

Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º - Tel. 32 57 11

Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16



## SUMÁRIO

	Pág.
O LUGAR DE MARVILA E A QUINTA DA MITRA por <i>Ralph Delgado</i> ... ..	131
UMA PRECIOSA CAPELA DESCONHECIDA DO GRANDE PÚBLICO por <i>D. Maria de Cabedo Cardoso</i> ... ..	142
UM TINTEIRO DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO pela <i>Dr.ª Ana Maria Pereira da Gama</i> ... ..	148
SPORT LISBOA E SPORT LISBOA E BENFICA (Dois números «um» de dois periódicos lisboenses) pelo <i>Dr. Gilberto Monteiro</i> ... ..	150
A EXPOSIÇÃO ANTONIANA NO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» ...	155
ACTIVIDADE CULTURAL... ..	160
FEIRA DA LADRA ... ..	166

CAPA: Escolas Gerais (Alfama), por *José A. Videira*

VINHETAS de *Figueiredo Sobral*

*Distribuição gratuita a todos os sócios*

*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*



# O Lugar de Marvila e a Quinta da Mitra

por RALPH DELGADO

## I

O lugar de Marvila, actualmente, fica encaixado, da parte do Tejo, entre o extinto convento de São Bento e a Praça David Leandro da Silva, servida pelas Ruas do Beato e do Açúcar; e, da parte de cima, entre a Azinhaga das Veigas e a *Quinta das Claras*, servida pelas ruas Direita de Marvila, José do Patrocínio e de Marvila. Aquelas duas primeiras artérias (do Beato e do Açúcar) sucederam, modernamente, à Rua Direita do Poço do Bispo, que ligou, desde tempos remotos, o convento dos evangelistas ao célebre poço do prelado, a primeira devido ao beato António e a segunda a uma refinação de açúcar que laborou num dos seus prédios.

Desconhecemos a extensão de Marvila, na altura da tomada de Lisboa aos mouros, supondo, no entanto, que não ultrapassaria os limites de hoje; todavia, vimo-la alongada, no século xv, até à zona de lá da Praça David Leandro da Silva, como se confirma pela principal propriedade ali fundada (a *Quinta de Marvila* dos condes de Linhares), quando já tinha raízes profundas a designação de Poço do Bispo<sup>(1)</sup>. Será de

---

(1) Quinta legada por D. Joana da Silva, talvez no século xvi, aos condes de Linhares, a quem sucederam os condes de Valadares. (Arquivo dos condes de Povolide, aos quais nos é muito grato agradecer, deste lugar, a cativante gentileza da sua consulta.)

admitir o seu prolongamento para além deste ponto depois da fundação da freguesia dos Olivais, em 1398? Mais tarde, as duas parcelas (anterior e posterior à praça) separaram-se, cada qual com seu nome.

Essa natural separação revelou-se, mais acentuadamente, a partir do século XVII. Até então aludia-se ao *sítio do poço do Bispo de Marvila*, manancial este colocado onde é hoje a Rua Direita de Marvila, à esquerda de quem sobe, em terrenos outrora pertencentes à Mitra, ou fosse ao Bispo, a partir do reinado de D. Afonso Henriques.

Efectivamente, em 8 de Dezembro de 1149, o primeiro rei de Portugal doou, à Mitra de Lisboa, para sua instalação e manutenção, três dezenas de casas e «todas as rendas e terras de Marvila que possuíam as mesquitas dos mouros». Tinha sido escolhido e sagrado como primeiro Bispo de Lisboa o inglês D. Gilberto, que organizou o Cabido e dividiu a cidade em três paróquias: de São Vicente, de Santa Justa e de Nossa Senhora dos Mártires<sup>(2)</sup>.

Ao organizar o Cabido, por sua vez, o primeiro antístite concedeu-lhe, por escritura de 1150, *metade* de Marvila, dividida em 31 *porções*. E, «posto que he muy prouauel q. os conegos desta Sé fossem Regrantes, & da reforma que na Igreja Catholica tinha introduzido Santo Agostinho, & vivessem por esta causa em commuidade, vemos com tudo nesta doação o contrário, porque Gilberto ordena nella, que aos porsões, que consigna aos conegos se lhes dê em suas casas, até se ordenar tinello commum, em que todos comessem juntos».

De quanto fica dito conclui-se, portanto, que o sítio de Marvila entrou na posse da clerezia de Lisboa pouco depois da fundação da nacionalidade; e que metade da sua área coube às dignidades da Sé, enquanto a outra metade deve ter ficado adstrita à Mesa Pontifical, pois a encontramos, no século XV, ligada à Mesa Arquiepiscopal. Baseados nas confrontações das duas metades, registadas em vários emprazamentos, parece-nos que o referido lugar manteve mais ou menos, durante os primeiros tempos, a área de que presentemente desfruta, e isto deixa admitir, como atrás fizemos, que o *começo* condiz, aproximadamente, com a *actualidade*<sup>(3)</sup>.

(<sup>2</sup>) *História Eclesiástica da Igreja de Lisboa*, de D. Rodrigo da Cunha, págs. 69 e segs.

(<sup>3</sup>) Renovação do emprazamento feito em três vidas da *Quinta de Marvila* pelo sr. D. Jorge, Arcebispo de Lisboa, a sua irmã, D. Catarina de Albuquerque, em 30 de Abril da era de 1495 (A. H. M. F., pasta 8, IX-E-51, documento n.º 1).

A parte da Mesa Pontifical compunha-se da *Quinta de Marvila*, de história movimentada e venerável; e a parte dos cônegos constava de diversas fazendas, algumas tidas como pequenas herdades, situadas, principalmente, à direita da Rua de Marvila, de quem venha para as *Veigas*. Servindo, primeiramente, de marcação limitativa, bastante popularizada, pelos benefícios oferecidos ao público, o decantado *poço* do Bispo tornou-se, com o rodar dos anos, em fulcro de um novo lugar, que havia de estender-se até ao Telhal do Valadares, ao lado da Azinhaga de Vale Formoso Debaixo.

Os Bispos e, a seguir, os Arcebispos, bem como os elementos do Cabido, arrendavam os seus senhorios, ou aforavam-nos por vidas; e, assim, as parcelas da Mitra e as das conezias andaram de mão em mão, quanto ao domínio útil, até acabarem por cair (as primeiras totalmente e as segundas em grande parte) na posse dos condes de Figueiró, que conseguiram, com o seu agrupamento, uma herdade soberba. Esta a razão, certamente, por que Marvila também figura, nos assentos paroquiais do século XVII, pela denominação de *Herdade*.

A evolução de tão grande propriedade e a das courelas soltas acabaram na constituição de várias quintas efectivas, devido a sub-enfiteuses perpétuas, cada qual com a sua história. Ainda se conservam restos de muitas delas e os seus nomes mais populares são lembrados com todo o interesse: da Mitra, do Cotrim, das Murtas, da Pedreira, do Convento de Marvila, da Chiteira, da Peramanca, do Marquês de Abrantes, do Chalet, de Santana, dos Padres, das Flores, da Azinhaga, das Claras, das Fontes, da Horta das Veigas e do Marquês de Marialva. Acrescentam-se a este rol a *Quinta dos Alfinetes*, pela sua colocação, e a *Quinta do Brito*, virada para a Rua de Marvila, por extinção das Ordens Religiosas, sob a qual os bens eclesiásticos (neste caso a cerca do convento de São Bento) passaram para o Estado.

De zona rural, Marvila transformou-se, com os desdobrar dos anos, em zona urbana. Foi este um sítio, colocado nos arrabaldes de Lisboa, que a freguesia dos Olivais, criada em 1398, incluiu na sua jurisdição. Área administrativamente apagada, por consequência, durante dilatado tempo, valorizou-se, porém, a 7 de Fevereiro de 1959, por Decreto n.º 42 142, passando a constituir uma nova freguesia — freguesia de Marvila — com limites alongados, em profundidade, até à Azinhaga da Flamenga, no lugar da Bela Vista.

Formada por metade das terras doadas, à Mitra de Lisboa, por D. Afonso Henriques, a *Quinta da Mitra* ia do ponto onde se fundaria, no século xv, o convento de São Bento, pertencente ao Padroado do Mosteiro de Alcobaça, até ao Poço do Bispo; e subia, depois, até ao cimo da Azinhaga (Rua José Patrocínio), para acompanhar a Rua de Marvila, do lado esquerdo, até à frente da Azinhaga das Fontes ou dos Alfinetes. Foi, durante alguns séculos, na primeira fase, como explicámos, a *Quinta de Marvila*; e, na segunda fase, principiada talvez no século xvi, a *Quinta do Arcebispo*.

A extensão e as confrontações iniciais dessa notável propriedade encontram-se num documento arquiépiscopal, datado de 30 de Abril da era de 1495, sendo concebidas no seguintes termos<sup>(1)</sup>:

«... e assim era uma quinta que se chama de Marvila, que está além do mosteiro de São Bento, que agora se chama de São João, da Ordem dos religiosos de Santo Eloy, a qual parte com o mar desde o Poço do Bispo até ao dito mosteiro de São Bento, ou São João, indo pelo muro do dito mosteiro ter à estrada que vai da cidade, e atravessa a dita estrada, partindo com vinhas do Cabido e cônegos da Sé da dita cidade, indo ter a cerca dos currais e palheiros que estão junto com as casas e assento da dita quinta; os quais currais e palheiros são da dita quinta e dali parte com vinha da dita Sé, que pertence à conezia, que era de Fernão da Costa e com herdade do dito Cabido e no cimo se alarga a dita quinta e vai partindo com vinhas e olival da dita Sé, que pertencem aos quaternários indo ter à azinhaga e servento de cercos; e indo por ela ter e entrar no cerrado, que foi de Maria Rodrigues, indo por ele ter à arrótea de Pero Lopes de Azevedo, e assim vindo partindo água vertente com olival do dito Pero Lopes e com olival que foi de Gil Fernandes, atafoneiro, e com olival de D. Violante, filha de João Lopes, e com estrada pública e com orla da dita D. Violante, cerrando onde primeiro começou, ficando o dito Poço do Bispo dentro nas divisões e demarcações da dita quinta»<sup>(2)</sup>.

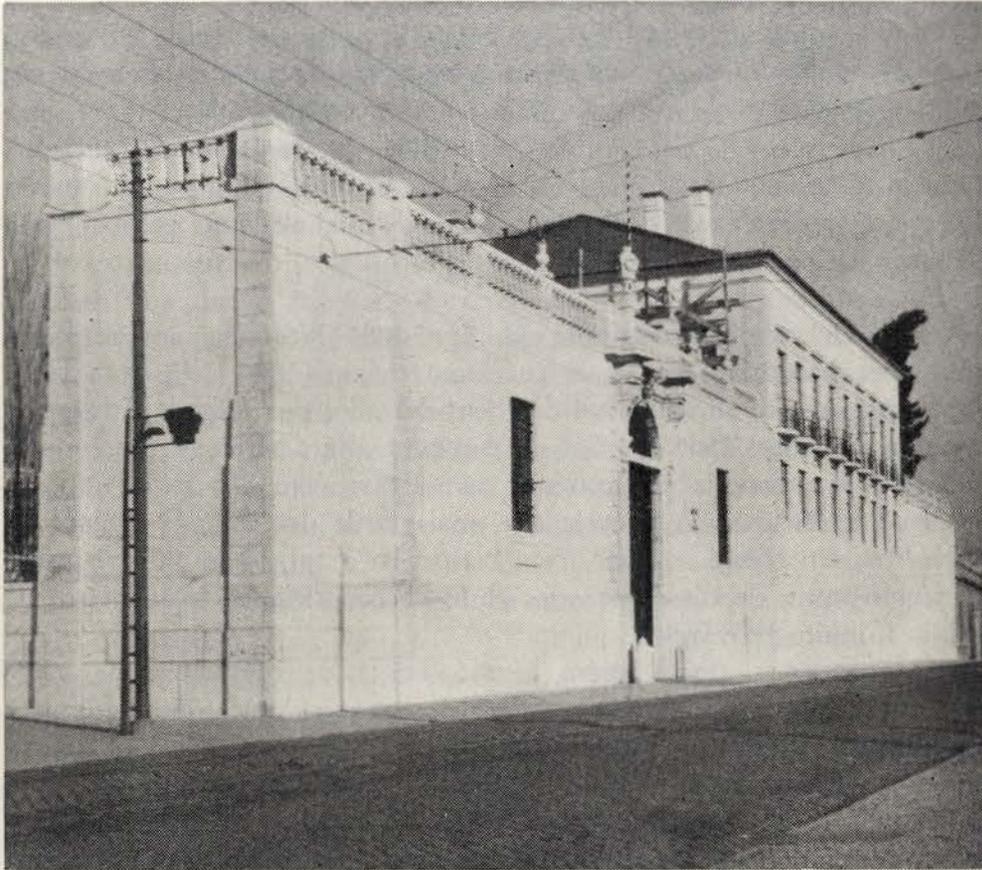
Além de indicar o *poço* do Bispo como extremidade oriental da fazenda, esta descrição confirma a repartição das terras de Marvila pela Mesa Arquiépiscopal, formando uma única unidade, a *Quinta de Marvila*, e pelos cônegos da Sé de Lisboa, em lotes maiores ou menores, colocados, sobretudo, na ala direita da Rua de Marvila, para quem vier para a *Quinta das Pintoras*. Inversamente, nas descrições encontradas de alguns

(1) Ortografia actualizada.

(2) Documento citado na nota 3.

desses lotes, várias das confrontações são dadas em relação ao *marco* do Bispo e ao *mato* do Bispo, testemunhos comprovativos da existência da propriedade da Mitra ou do prelado, se outros, mais representativos, não existissem.

Apesar das terras da Mitra remontarem à formação da diocese de Lisboa e terem, conseqüentemente, uma longa história, só nos foi possível



*Palácio rural da Quinta da Mitra (hoje Museu da Cidade)*

coordenar elementos relacionados com elas a partir do Arcebispo D. Jorge, figura de invulgar prestígio em Portugal e no Vaticano (1465-1500). Coube-lhe iniciar, na fazenda, a dinastia dos Costas.

O mais antigo desses elementos é a citada renovação do empraçamento feito, por três vidas, da valiosa quinta, a D. Catarina de Albuquerque, irmã do Arcebispo, pelo foro anual de 3 000 réis brancos, na

era de 1495. Esta senhora legou o domínio útil da fazenda, por sua morte, a uma sobrinha, D. Helena da Costa, que teve a sorte de o possuir com isenção do foro, agora de 3 600 réis, a partir da vigência do Arcebispo D. Martinho da Costa, irmão de D. Jorge, seu tio também (1500-1521). Tal posição foi confirmada, posteriormente, pelo Cardeal Infante D. Afonso, quando esteve à testa do Arcebispado (1521-1540) e por alvarás de 31 de Dezembro de 1533, de 27 de Maio de 1535 e 1 de Julho de 1539<sup>(6)</sup>.

Em seguida a D. Helena da Costa e a partir de 31 de Dezembro de 1541, a *Quinta de Marvila* entrou na posse de João da Costa, morgado de Pancas e de Atalaia, casado com D. Inês de Noronha<sup>(7)</sup>. Do casal houve, além de outra prole, duas filhas: D. Jerónima de Noronha, a quem a *Quinta de Marvila* foi aforada, em sua vida, por 4 000 réis de foro, e D. Helena de Noronha, a partir da qual a mesma quinta entrou em novo ciclo, em que dominaram os Vasconcelos, ou fossem os condes de Figueiró.

A actividade exercida por D. Ignês de Noronha nos seculares arrabaldes lisboetas teve a sua curvatura máxima em 1573, com renovação do plano de aforamentos dos bens deixados por João da Costa, que já não era vivo em 1565<sup>(8)</sup>. São desta mesma altura algumas referências à *Quinta Nova*, servida por caminho que ligava com São Bento, a qual nos suscita dúvidas. A propriedade, mais tarde denominada *Quinta do Arcebispo*, em frente ao Tejo, com bom solar rural, onde o Patriarcado, no século XVIII, depois de grandes obras de beneficiação, instalaria a sua sede? É muito provável.

Alguns anos atrás, porém, isto é, em 1 de Novembro de 1566, D. Jerónima de Noronha teve a sorte de conseguir duração ilimitada para o aforamento da *Quinta de Marvila*. Efectivamente, o Cardeal D. Henrique, quando Arcebispo de Lisboa (1564-1570), assinou um breve, na data supra, pelo qual transformou em prazo *perpétuo* a referida quinta, a favor da sua antiga eufiteuta, com o foro de 6 000 réis anuais<sup>(9)</sup>. Foi esta, sem dúvida, uma aquisição memorável, à sombra da qual a Mesa Arquiepiscopal perdeu, praticamente, para sempre, os bens herdados do Bispado, pois nunca mais dispôs do seu domínio útil, com excepção para uma pequena parcela ribeirinha.

(6) A. H. M. F., pasta 7-IX-E-50, documento n.º 3.

(7) Idem, pasta 9-IX-E-51, documento n.º 10.

(8) Idem, pasta 7, documento n.º 16.

(9) Idem, pasta 8, documento n.º 2.

Em 26 de Abril de 1575, devido ao seu casamento com D. Manuel da Cunha, senhor do morgado de Táboa e comendador de Sortelha na Ordem de Cristo, D. Helena de Noronha foi empossada da *Quinta de Marvila*, por doação da mãe, o que pressupõe a inexistência da irmã, por essa ocasião<sup>(10)</sup>. Posteriormente, a mesma senhora casou, em segundas núpcias, com D. Francisco Castelo-Branco, de quem já era viúva, no entanto, em 1600. E, por fim, D. Helena consorciou-se, pela terceira vez, com Manuel de Vasconcelos, regedor das justiças, sob cuja administração se consolidou, em franca plenitude, a *Quinta de Marvila*, enriquecida com algumas anexações definitivas e com a recuperação do domínio útil de vários prazos sub-aforados pelos seus antecessores. Deve ter sido esta a época mais florescente da propriedade<sup>(11)</sup>.

Por testamento de 26 de Novembro de 1619, D. Helena de Noronha legou «o prazo de Marvila com seus foros e prazos em fateusim da Mesa Pontifical, de que se paga de foro em cada ano oito mil e quinhentos réis», em que fizera imensas benfeitorias, instituindo-o em morgado e anexando-o ao morgado do Esporão, pertencente ao último marido<sup>(12)</sup>. O legado coube a Francisco de Vasconcelos, como primeiro administrador do vínculo, filho do referido Manuel de Vasconcelos e de sua primeira mulher, D. Luísa de Vilhena de Mendonça, mais tarde 1.º conde de Figueiró, como é confirmado pelos seguintes termos de uma petição do 3.º conde do mesmo título, D. José Luís de Lencastre e Vasconcelos: «D. Helena de Noronha, 2.ª mulher do regedor Manuel de Vasconcelos no testamento, instituiu em morgado e entre os bens que vinculou foi a *Quinta de Marvila*, chamando para 1.º administrador o filho mais velho do 2.º seu marido que sucedesse no morgado do Esporão e isto pelo amor e afeição que tinha a seus filhos»<sup>(13)</sup>.

Do ramo dos Vasconcelos da casa de Figueiró, principiado por Rui Mendes de Vasconcelos, que serviu D. João II, Manuel de Vasconcelos, por seu turno, faleceu em 1637, tendo o seu sucessor tomado posse da *Quinta de Marvila* no dia 1 de Maio do mesmo ano, bem como das hortas situadas entre campos de Alvalade<sup>(14)</sup>.

---

(10) Idem, pasta 7, documento n.º 13.

(11) Nobiliário de Manso de Lima, em título de Cunhas.

(12) A. H. M. F., pasta 7, documento n.º 5.

(13) Idem, pasta 9, documento n.º 17. O morgado do Esporão fora instituído, em 1423, por Teresa Anes, mulher de Fernão Lopes Lobo, cavaleiro, residente em Évora.

(14) Idem, idem, documento n.º 13.

### III

Retalhado em diversas *quintinhas*, em regime de sub-enfiteuse, o morgado de Marvila acusava a existência, no segundo quartel do século XVII, junto ao rio e contíguas ao convento de São Bento, de três unidades, de que ainda restam valores: *Quinta das Murtas*, *Quinta do Cotrim* e *Quinta do Arcebispo*.



*Residência da Quinta do Conde de Figueiró  
(últimamente Quinta do Marquês de Abrantes)*

Podemos interpretar esta última denominação, *Quinta do Arcebispo*, acusada pelos registos da freguesia (vimo-los a partir de 1624) como consequência de um sub-aforamento de alguns terrenos próximos do rio, efectuado sem dúvida pelos Costas, à própria Mesa Arquiepiscopal, depois da referida Mesa ter aforado a sua enorme fazenda, perpétuamente, a

D. Jerónima de Noronha, pois há documentação reveladora, datada de 1672, de que a *Quinta da Mitra* pagava, à *Quinta de Marvila*, o foro de 7 960 réis, confirmada por papéis de 1706<sup>(15)</sup>.

Pelo valor do encargo, as terras ribeirinhas, ou, melhor dizendo, a fazenda já deveria ter casa construída, no acto do sub-emprazamento, nada nos surpreendendo se se tratasse da *Quinta Nova*, a que aludimos. Se assim não foi, a construção da casa de campo dos Arcebispos, da actual Rua do Açúcar, seria obra do Arcebispado. A residência dos enfiteutas da secular *Quinta de Marvila*, casa que fora de Bispos e Arcebispos, era do lado de cima, na actual Rua de Marvila, como vimos pela descrição quatrocentista do prédio, não sabemos se na sua traça original, se já transformada ou substituída, e nada tinha de subalterno em relação ao trato fronteiro ao Tejo, readquirido pelos seus antigos donos, na parte respeitante ao domínio útil. O casarão de hoje mostra grandes alterações.

Atribui-se, geralmente, a D. Luís de Sousa, Arcebispo de Lisboa (1675-1702), o restauro e ampliação da casa da *Quinta do Arcebispo*, destinada a residência de campo dos prelados da cidade. A afirmação colide até certo ponto, porém, com o facto da propriedade, durante o seu tempo, andar de renda ou aforada. Nela viveu, com efeito, em 1675, o conde de Santiago de Beduído, Lourenço de Sousa da Silva e Meneses, que ali faleceu em 2 de Agosto<sup>(16)</sup>; e o conde de São Vicente, pelo menos entre 1686 e 1700, que chegou a transmitir o título ao prédio: *Quinta do Conde de São Vicente*<sup>(17)</sup>.

A transformação radical da residência rural da segunda *Quinta da Mitra* e a sua aplicação a sede do Patriarcado deve-se a D. Tomás de Almeida, primeiro Cardeal de Lisboa, sagrado em 1716. E, a partir de então, até final, a fazenda não mudou mais de nome, tendo-se dado, anteriormente, a suspensão do foro devido pela sub-enfiteuse, cuja data não conseguimos descobrir, mas que é anterior a 1706.

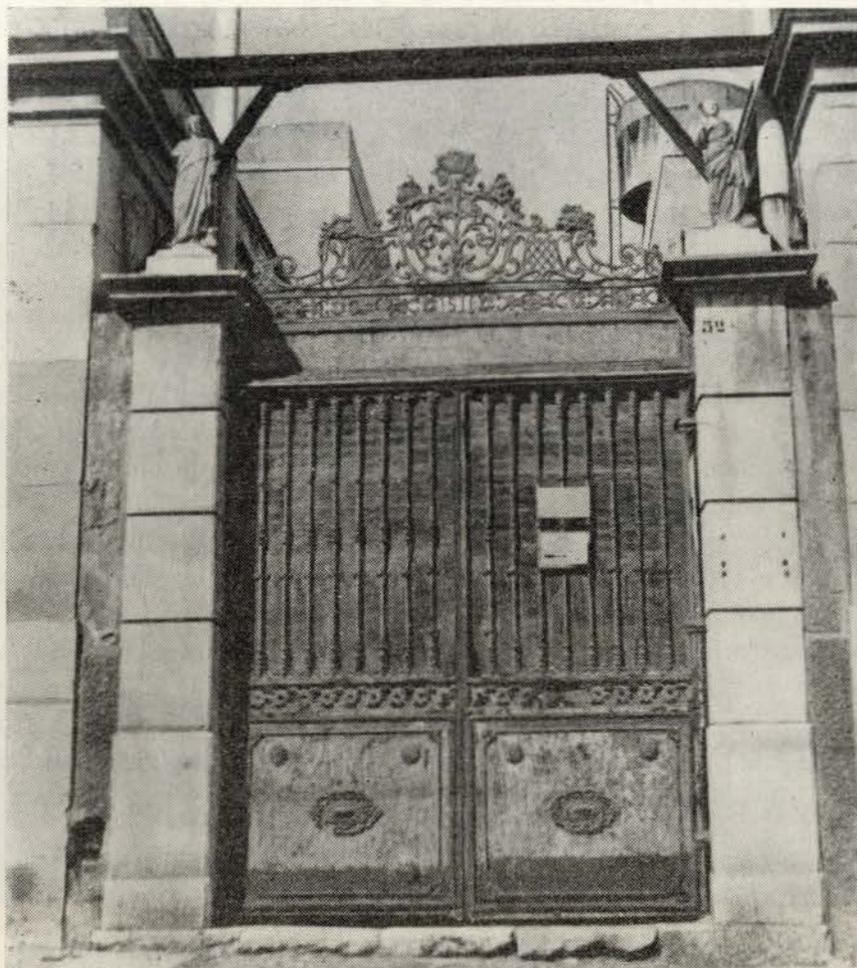
---

(15) Sentença sobre um emprazamento da quinta e prazo de Marvila feito pela marquesa de Castelo-Melhor. Neste documento se lê que a *Quinta de Marvila* recebia, da *Quinta da Mitra*, o foro de 7 960 réis (A. H. M. F., pasta 7, documento n.º 24). E documentação relativa a foros devidos pela Mitra, de 26 de Outubro de 1706. Num dos papéis se lê, com efeito: «Só a quinta dos Il.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispos foi foreira à do sr. Conde.» (Idem, pasta 9, documento n.º 6).

(16) Livro de óbitos n.º 4, pág. 112.

(17) Livro de baptismos n.º 9, pág. 37 v.º; e Livro de óbitos n.º 6, pág. 47. Baptismo de Teresa, em 8 de Novembro de 1686, filha de Manuel Vieira e de Maria Josefa, criados do Conde de São Vicente; e morte de António Silva, casado com Natália, em 18 de Junho de 1700.

Em 1834, devido à extinção das Ordens Religiosas, os bens eclesiásticos de Marvila reverteram para o Estado, acabando, por esta forma, um domínio histórico, quase lendário, que conduz aos alvares da nacionalidade. Com evocação perdurável no Poço do Bispo, a *Quinta da Mitra* ainda albergou, como residência patriarcal, D. Fr. Patrício da Silva (1826-1840)



*Portão, de 1918, da Quinta da Pedreira, virado para a Rua do Açúcar*

e D. Fr. Francisco de São Luís, Cardeal Saraiva, nela falecido em 7 de Maio de 1845, mas principiou, na hasta pública de 1864, uma etapa diferente, menos cerimoniosa. É ela já conhecida, desde o conde de Salamanca e da sentimental D. Carolina Coronado, até à posse, pelo município

lisboeta, do palácio rural, em 1930, e à aplicação da maioria dos respectivos terrenos, pelo Estado, ao Asilo da Mitra, em 1933, pelo que nos dispensamos de a repetir.

Diremos, apenas, para finalizar, que a história da restante parte do morgado de Marvila (e era a quase totalidade do lugar), com sede na *Quinta do Conde* (mais tarde *Quinta do Marquês de Abrantes*) e a partir do ano de 1637, em que faleceu o regedor Manuel de Vasconcelos, representando um contexto ligado a um domínio útil perpétuo e alcançado no século XVI, constitui, *ipso facto*, o prosseguimento e o remate evolutivo completos da maravilha rústica ribeirinha, doada à Mitra, em 1149, pelo primeiro Rei de Portugal.



# Uma preciosa Capela desconhecida do grande público

por D. MARIA DE CABEDO CARDOSO  
da Academia Literária Feminina, do Rio Grande do Sul

**P**OR mais vivos que sejam os olhos da inteligência ou os da boa vontade, alguma coisa escapa ao conhecimento humano, razão por que há sempre algo de novo a revelar ao público, pois existem em todos os tempos pessoas que guardam ciosamente qualquer obra de Arte que herdaram dos seus antepassados, que para eles representa uma autêntica maravilha, uma relíquia.

Hoje dentro das realidades modernistas há pouco ou nada que possa constituir bagagem valiosa para legar aos vindouros, e, esses, permanecerão como nós a venerar os clássicos, e mesmo os primitivos, onde se encontram preciosidades irrepetíveis nesta época inquietante, de velocidades loucas, de foguetões, de bombas atômicas, de hecatombes de toda a natureza, e até de remédios deformantes, lesando a humanidade que só pede a esmola do aniquilamento das dores que a atormenta.

Nestas condições esta capela de S. João Baptista, de que agora me ocupo, antiga de séculos, mas sempre nova e reluzente, mandada vir da Itália pela família Cordes, para o seu solar de Barcarena, na linha de Sintra, a dois quilómetros da linha férrea, representa uma curiosidade rara, digna de nota. A *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* assinala, em Barcarena, a capela de S. João Baptista, referindo-se aos azulejos datados de 1691.

O nome desta capela deve provir do facto do fundador da casa Cordes se chamar João Baptista de Cordes, o primeiro que veio para Portugal.

Os Cordes eram naturais de Flandres onde tinham título de nobreza. Até existe o facto curioso de dois irmãos Cordes, vassallos do conde soberano de Haineau, terem defendido a ponte de Haudripont, por ocasião de um assalto dos inimigos, com tanta heroicidade que mereceram muitas honrarias e títulos de nobreza. Defenderam a ponte de Haudripont, costas com costas, sendo concedido ao irmão mais velho o senhorio de Haudripont e ao mais moço o senhorio de Cordes.

A nobreza dos Cordes foi atestada por um notário de Brabante, morador em Anvers, Aerdin Bodéghen no ano de 1619, a 6 de Maio, e mais tarde reconhecida em Lisboa pelo tabelião Bernardo Moniz em 6 de Agosto de 1624, traduzido o trespado a instância de João Baptista de Cordes, que passou a viver em Portugal por essa época.

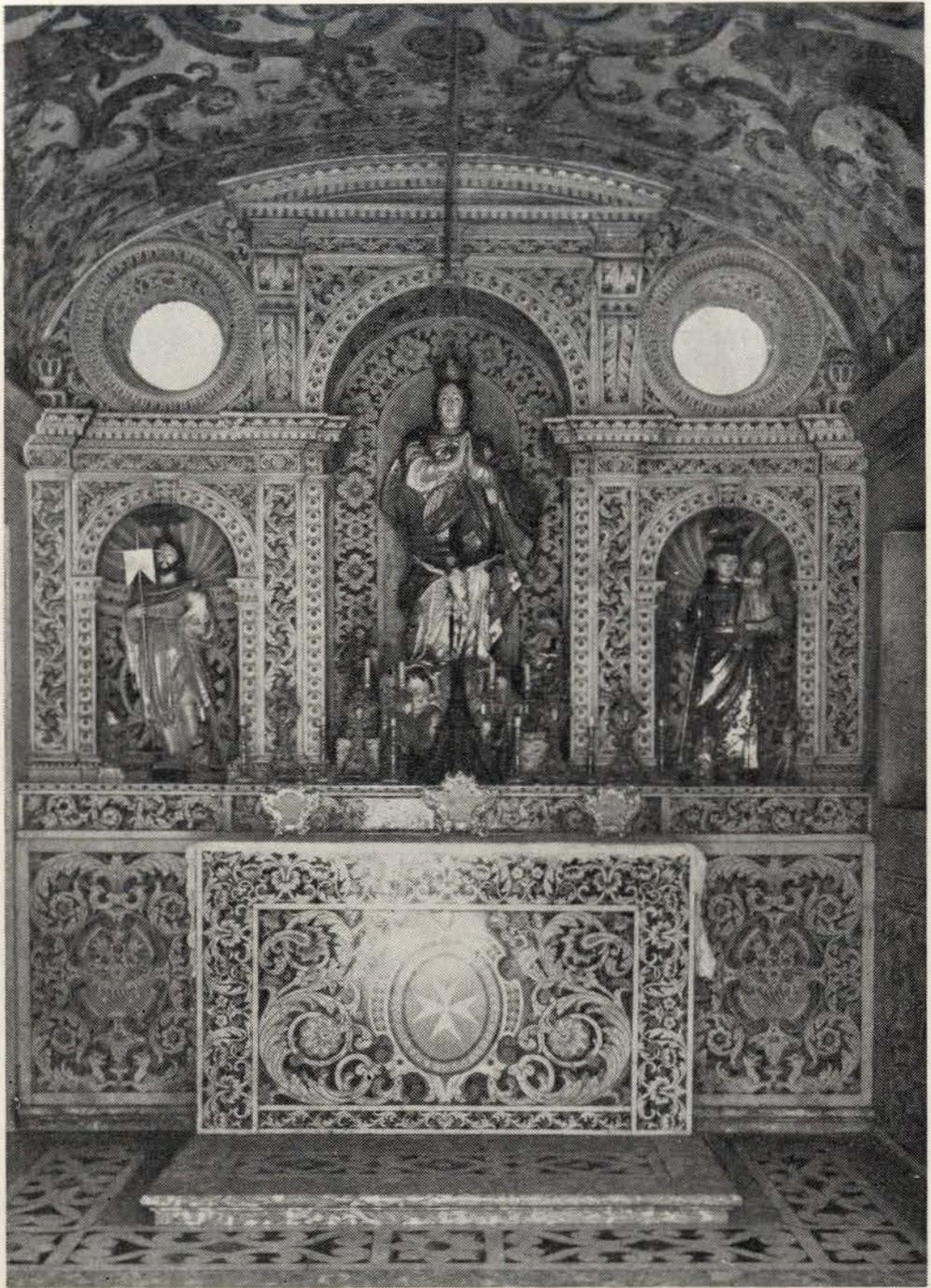
Toda a vida dos Cordes em Portugal foi vincada, de distinção como fidalgos que eram, tendo mandado edificar o seu solar à beira da ribeira de Barcarena — solar que era um vetusto edifício, pincelado pela patine do tempo, cujas amplas salas penumbradas pelas altas ramagens que rodeiam o solar, imprimiam ao ambiente uma religiosidade estranha, e, os passos das pessoas ecoavam ali em sonoridades subtis, desusadas, que se misturavam à voz dolente da água do rio, que fazia trabalhar o lagar do loiro azeite da quinta.

Barcarena é terra pacata e laboriosa, tendo como motivos a destacar as antenas da Emissora Nacional, e uma fábrica de pólvora do Estado.

A igreja matriz é interessante e bem cuidada. Encontram-se na terra estações pré-históricas, e quintas importantes, como a do distinto escultor, falecido, Álvaro Brée, a dos Cordes e outras.

Apeando-se do autocarro Queluz-Barcarena e descendo em direcção a Caxias bem perto se encontra, à direita, a entrada para a velha quinta, da qual nos ocupamos, hoje pertença de outra família, alheia à dos Cordes, porque o Destino assim conduziu as coisas, depois de 300 anos.

Esta capela parece ter vindo de Itália logo após a realização da valiosa capela de S. João Baptista, da igreja de S. Roque, no Largo da Misericórdia, em Lisboa, pensam uns, outros supõem-na anterior.



*Altar da capela de S. João Baptista*

Mas de uma forma ou de outra, o seu valor é autêntico, a sua beleza indiscutível, a sua conservação esplêndida.

A capela de S. João Baptista, de S. Roque, foi mandada vir, ou melhor, encomendada em Itália, por D. João V, que tendo um dia visitado a igreja dos jesuítas, que se haviam estabelecido em S. Roque, e achando tudo tão pobre, resolveu mandar vir de Itália uma capela, digna do precursor e da sua própria realeza.

Então pôs em contacto com o nosso encarregado de negócios em Roma, o padre João Baptista Carbone, em 1742, como consta dos arquivos da Biblioteca da Ajuda. De Roma vieram desenhos e detalhes que foram submetidos ao estudo e conselho do grande architecto Frederico Ludovice, que estava ao serviço da corte portuguesa, e um dos fundadores da Escola de Mafra. Vem a propósito falar neste Ludovice, de onde descendem os Ludovices que se ligaram aos Cordes, por laços de família (1).

O architecto João Frederico Ludovice, de origem alemã, que construiu o Convento de Mafra e foi nomeado architecto-mor do reino, construiu, também, o altar-mor da Sé de Évora, o da igreja de S. Domingos, em parte destruído, o palácio Ludovice, em S. Pedro de Alcântara, para sua residência, etc.

Os Cordes dos nossos dias descendem de uma senhora Braamcamp Ludovice que foi casada com Baltasar Sinel de Cordes e tiveram:

- José Sinel de Cordes, que nasceu e morreu na Quinta de Nossa Senhora da Conceição e teve Baltasar, Joaquim, João, Mariano, Maria da Conceição, Maria do Carmo e Maria da Soledade;
- João José Sinel de Cordes, casado com D. Maria da Conceição Ludovice, sem descendência;
- D. Maria da Conceição Sinel de Cordes Cabedo, casada com o general Maximiliano Augusto Cabedo, meu tio.

Também houve um casamento de uma tia dos Cordes com um Cabedo — João da Costa de Cabedo, meu bisavô, que foi almirante de Mar-e-Guerra, e casado em primeiras núpcias com D. Umbelina Cons-

---

(1) Do architecto Frederico Ludovice descendem também o Eng. Fernando do Amaral Ludovice e os filhos de Edmundo Drumonde Ludovice.

tança de Charmont. Deste casamento não houve descendência. Do primeiro descende o ramo a que pertença. Encontrei no solar dos Cordes algumas recordações da passagem do meu bisavô por ali.

De João Sinel de Cordes descende Rui Sinel de Cordes que tem um filho varão. Estes são os legítimos continuadores da raça.

O general João José Sinel de Cordes foi um dos generais que fizeram o movimento do 28 de Maio, e primeiro ministro das Finanças do Estado Novo. Na última guerra desempenhou o cargo de chefe do Estado-Maior Português em França. Era um homem distinto, caridoso, despido de vaidades e profundamente religioso. Quando morreu, por disposição sua, levou no caixão, sobre a farda de general, um manto azul de Nossa Senhora da Conceição, de quem era muito devoto.

A capela de S. João Baptista do solar da família Cordes é uma página da história dos seus antepassados. Seu altar inteiramente em mármore italiano, com embutidos em castanho, vermelho, amarelo, branco e preto, representando flores, folhas, pássaros, vasos e variadíssimos motivos decorativos, embelezando o todo de uma forma atraente, seduz logo ao penetrarmos no recinto.

Compõe-se de três nichos inteiramente em mármore. No do centro, o maior, está uma linda Nossa Senhora da Conceição, em talha doirada, e, nos laterais, estão, à direita, S. João Baptista, e, à esquerda, Santo António, esculturas de grande beleza, realçada pelos doirados, em óptimo estado de conservação. O frontal do altar ostenta desenhos de fina concepção. Os *panneaux* laterais são igualmente belíssimos, representando, ao centro de cada um, uma elegante jarra com um ramo de flores. Em baixo estão dois animais heráldicos, segurando o pedestal da jarra, cujas caudas, ao alto, terminam em flor. Em cima duas cabecinhas de águia apertadas por um anel, finalizando também suas caudas em flor. Por um destes *panneaux* ofereceu, há anos, um estrangeiro uma avultada soma.

Está claro, os proprietários não se deixaram tentar. Por nada perderiam um pedacinho só que fosse daquela preciosidade, que atravessou três séculos ao lado dos antepassados, trazendo até eles gratas recordações.

A capela tem, de cada lado, um quadro em azulejo, azul e branco, representando dois passos da vida de S. João Baptista, um representa o santo baptizando Jesus, e o outro pregando a

doutrina de Cristo. Qualquer dos quadros tem um lindo friso em redor. Em rodapé, também em azulejo, encontram-se episódios da vida do santo em menino. Sobre o altar há três sacras pequenas, quatro relicários, além de outras preciosas figurinhas de santos, entermeados com castiçais de prata.

Na sacristia havia um presépio que pela perfeição das figuras era atribuído a Machado de Castro.



*S. João Baptista anunciando a visita de Jesus Cristo*

Em redor, na quinta, o laranjal florido dava perfume e encanto, e no jardim emudecido, buxos centenários elevavam-se acima das outras árvores, ladeando uma rua e convergindo para o centro, desenhavam um longo corredor abobadado, de onde mal se via o céu.

Perto as águas do rio corriam cantando e evocando um passado feliz, enquanto os santos da capela abençoavam seus donos, olhando com carinho aquele que sempre acendeu seus lumes e junto deles fez suas orações.

(Fotografias de Mário Catharino Cardoso)

Junho de 1963.

# UM TINTEIRO

DE

## *RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO*

*pela Dr.<sup>a</sup> ANA MARIA PEREIRA DA GAMA*

**P**OR ser uma obra do afamado artista Raphael Bordallo Pinheiro e julgo que única no seu género, vou descrever este tinteiro em barro policromado, que merece interesse não só pela sua originalidade como também pelo assunto que representa.

O tinteiro, que possui aproximadamente uns trinta centímetros de comprimento, representa um antigo carro tipo D. Elvira, puxado por um pavoroso dragão de enormes asas.

O carro é guiado pelo príncipe D. Luís Filipe tendo a seu lado o conhecido médico Dr. Carlos Tavares, notando-se na expressão deste um certo pânico.

A cena passa-se em Sintra, pois no topo do tinteiro está representado o Palácio da Pena.

Atrás do carro, como que a protegê-lo, dois anjos de longas asas seguem-no amparando-o, enquanto o veículo parece estar em risco de se virar.

A base do tinteiro é constituída pela reprodução de várias pedras, e, uma delas removível, esconde o depósito para a tinta.

De resto tudo nos levaria a crer ser mais uma peça decorativa que utilitária.

O colorido é bastante suave no conjunto, destacando-se pela sua forma e cor o carro com os seus tripulantes.

Em baixo, na face posterior da peça encontra-se o seguinte:

«Testimunho de gratidão ao Salvador das minhas costelas»  
(nota: testemunho com i). Seguindo-se a assinatura «C. Tavares»,

por baixo desta o local «Caldas da Rainha» e mais abaixo a data «1902 Setembro».

A esquerda, temos a assinatura do artista, mas apenas Raphael Bordallo, logo a seguir por baixo a palavra «Esboço» e ainda mais abaixo «Caldas 20-7-902».

A esquerda da última assinatura temos a marca da fábrica das Caldas e um pouco acima desta a data 1902 e abaixo da marca o número 35.



Esta peça de cerâmica apesar de ser um esboço apresenta-se bastante pormenorizada reconhecendo-se pelas caras o príncipe D. Luís Filipe e o médico o Dr. Carlos Tavares. Também o Palácio da Pena é perfeitamente identificado.

O tinteiro pertence à minha colecção há já alguns anos; mas nunca consegui até à data encontrar qualquer referência a seu respeito em artigos ou obras sobre as cerâmicas do grande artista, devendo ser portanto esta descrição a primeira a tornar-se pública.

# SPORT LISBOA

E

## SPORT LISBOA E BENFICA

(Dois números «um» de dois periódicos lisboenses)

pelo Dr. GILBERTO MONTEIRO

É is dois exemplares de jornais desportivos, primeiros números de séries diferentes, com o título muito parecido, que muito aguçariam a ambição dos coleccionadores, se nós não tivéssemos desde já a prudência de declarar que eles são já propriedade do tombo dos «Amigos de Lisboa». Há coleccionadores de tudo e mais alguma coisa; há quem colecione espécies olisiponenses como há quem colecione espécies benfiquistas; que desejos não despertaria este duo de significado duplo? Como são simpáticos os monomaníacos coleccionadores, místicos que tudo guardam, tudo ajuntam e classificam em ficheiros até à inevitável dispersão que os herdeiros um dia promoverão pelas feiras da ladra de todo o mundo!

Um dos jornais, velhinho, vem do tempo da guerra dos 4 anos, é de 1913. O outro é de época mais próxima de nós. Ambos são propriedade do mesmo clube de desporto; o primeiro é por ventura o primeiro jornal clubista que houve em Portugal e no seu próprio título encerra o melhor argumento em favor desta asserção, é o *Sport Lisboa*, n.º 1, de 24 de Agosto de 1913, sob a direcção do Dr. Alberto Lima, sendo editor o engenheiro Avila de Mello e administrador Jorge d'Assis Paixão. Propriedade do agrupamento de futebol denominado «Sport Lisboa», este fundado em 1904, vinha tomar uma posição mental no meio desportivo então muito atrasado. O clube seu proprietário reconheceria o dever de

não acuar perante as quesílias e malquerenças que o minguido movimento desportivo fomentava contra ele, e os jornais de época pelas suas secções desportivas difundiam. O *Sport Lisboa* era nesse tempo mais que uma inovação social para ser uma realização generosa, nacional e de larga projecção. Era já suficientemente forte das suas boas razões para afrontar sem temor e aceitar a luta se ela fosse inevitável, mas de qualquer forma era preciso fazer-se ouvir e impor-se. Neste número, o primeiro, o artigo de fundo expõe, encabeçado por um título bem explícito, «A que vimos», qual seria a orientação do neófito:

Seremos o Paladino dos interesses do «sport nacional», buscaremos consolidar a harmonia e a união inter-clubes e, sem paixão ou parcialidade condenáveis, colocar-nos-emos ao lado de aqueles, a quem assistindo razão e se sintam lesados, apelem para a nossa justiça.

Ano I

Lisboa, 24 de Agosto de 1913

Numero 1

# SPORT LISBOA

Propriedade do "Sport Lisboa e Benfica"

PUBLICAÇÃO SEMANAL  
Director—Dr. Alberto Lima

Editor—Alfredo da Silveira Avela de Melo  
Redacção e Administração—Rua Garrett, 61, 3.º

Administrador—Jorge Edmundo de Assis Pinheiro  
Composto e impresso na Typographica Ferreljal de Baixa, 12

## A que vimos

De ha muito, nos centros sportivos, vem constantemente a lume a muito debatida questão, *necessidade d'un jornal de caracter exclusivamente sportivo*, e, como tentativas do pro-

nas suas diferentes modalidades, com a máxima competencia que poderemos, dando ao jornal um caracter interessante de baixo de todos os pontos de vista.

Seremos o Paladino dos interesses do «sport nacional», buscaremos con-

a urbanidade e serenidade demonstrativas de que os litigantes são verdadeiros sportsmen.

Aqueles que, no *dize-tu, diréi eu*, na picuinha, na insidia, enfim, em todas essas manifestações das almas pequeninas e aleiadas, encontrem saboroso

precepitos que manterão a assistencia em franca hilaridade.

No campo, sobre dois supports collocados horizontalmente uma viga que n'elles apoie as suas extremidades. Essa viga fica usualmente a 1". No acima do solo e enfiase para dar o melhor apoio possível, aos li.

O outro jornal, como referimos ao começar esta comunicação, é mais recente, número um doutra série, tem como nome *Sport Lisboa e Benfica*, boletim oficial do clube de que toma o nome. O seu formato é mais pequeno, mais em conformidade com a sua finalidade; é datado de 1927, marca indiscutivelmente uma nova era na vida da colectividade. Na página de fora o retrato do seu presidente, o médico militar, Dr. João Carlos Mascarenhas de Melo; clínico de grande prestígio no bairro de Benfica onde era residente, sócio n.º 10 do clube, a que presidia há 18 anos consecutivos,

e melhor não poderia o clube encontrar para ilustrar o seu primeiro boletim.

Creio indispensável e oportuno dizer algo da história deste clube, que se apresenta desde a sua fundação até 1927, isto é 23 anos, com dois nomes diferentes ainda que muito semelhantes. É a índole do OLISIPO e do Grupo «Amigos de Lisboa» bem diferente do que pode representar a imprensa desportiva e uma agremiação de futebol. Mas porque se trata duma unidade bem lisboeta, hoje na ordem do dia das paixões populares não só da capital mas de todo o País, não julgo descabido que resuma a sua história primeva, que nos justificará perante os indiferentes às coisas da cultura física.

O «Sport Lisboa» nasceu em Lisboa, em Belém, entre os Jerónimos e o Tejo. Que se pode exigir de mais castiçamente lisbonense? O futebol era então uma visão inglesa enxertada na mentalidade da rapaziada portuguesa, melhor dizendo nos rapazes da Real Casa Pia de Lisboa. Estamos no dealbar do século XX e os grandes nomes que vieram a ilustrar a primeira época do futebol, a experimental, eram de casapianos e quase todos os restantes, bairristas de Belém. Formado o grupo inicial, diante de uma bola que saltava tão alto diante deles como as suas aspirações, o natural entusiasmo da juventude de querer conhecer uma coisa nova, o prazer da exibição da força e da destreza, foram os factores principais do triunfo. Em 1904 organizou-se o 1.º grupo regular e tomou o nome já referido; os rapazes aprenderam a lutar e a perder os jogos com os seus mestres, os ingleses. O movimento de propaganda era como a bola de neve que engrossava sempre. Havia já pela cidade e no Porto mais grupos de futebolistas. Batiam-se entre si e perdendo ou ganhando, ganhavam todos, porque a ideia era prolífera e o meio era fecundo. Um dia veio a compensação e o «Sport Lisboa» teve a sua primeira grande vitória, retumbante e talvez a melhor marca de propaganda da sua actividade, venceu os ingleses de Carcavelos, os seus mestres.

O «Sport Lisboa» atingiu a sua maioridade. Por toda a parte apareciam grupos de bolistas mais ou menos anárquicos; os campos das liças eram todos os terrenos, mesmo irregulares, inclinados, com sulcos de anteriores lavras; os furiosos jogadores ou passavam sem balizas ou levavam-nas às costas para as espetarem no terreno mais ou menos verticalmente; de medições nem vale a pena falar. Os pais de família viam o movimento dos moços seus filhos ou não, como uma garotice que tinha a sua tradução na conta do sapateiro. O clube de Belém, para vencer os ingleses tinha-se deslocado até Benfica onde um soberbo rectângulo, plano, sem



buracos nem cicatrizes de golpes de charrua era lindamente delimitado por algumas centenas de cadeiras para os espectadores e espectadoras, o que mais celebrizou e consagrou o facto, a vitória dos Portugueses. Muita gente a assistir a aplaudir e a encorajá-los para novos empreendimentos. Até então os «sportmen» de cá só conheciam o que significava um campo de jogos atléticos pelo que viam nas revistas estrangeiras ou o que conseguiam enxergar muito de longe em Carcavelos, no «Lisbon Cricket Club» da Cruz Quebrada ou no Porto. Em Benfica era possível realizar a ambição dos jogadores da bola de Belém, e eles bem o mereciam. Aparece a diplomacia com uma política de amizade e em breve se estabelece uma aliança entre uma jovem colectividade, os «Desportos de Benfica» e o «Sport Lisboa». Aqueles eram senhores numa bela sede e de muito terreno apto a ser um estádio; tinham material mas não tinham homens. Por que não se entremudarem? É assim que aparece o «Sport Lisboa e Benfica». Idealistas dum e outro lado, todos lisboetas, actuando em pontos muito distantes geomètricamente considerados, estava-lhes reservado o papel de grandes difusores da cultura física em polarização favorizada pela distância. Em 1913, data do boletim n.º 1, já o «S. L. B.» era grande no futebol e em ciclismo, atletismo e outras várias modalidades desportivas. Em Lisboa, no centro da cidade, mantinha uma sede como elo para ligar a família associativa e o pequeno grupo de rapazinhos de Belém era já o gigante que hoje conhecemos. O que dissemos chega para dar uma ideia de quem foram os detentores desses órgãos de publicidade.

Como acabamos de verificar o clube em questão e os seus jornais, são lisboetas da gema, pelo nome, pela origem e pela localização das suas actividades. A deslocação de Belém para Benfica, dois bairros bem marcantes na vida da Capital, como as suas sedes em plena cidade, núcleos de vida e centros de ligação dos seus numerosos associados e adeptos, são

provas de quanto o clube, o «Benfica» como o público o conhece actualmente, é alfacinha. Não pretendemos citar os fastos mais marcantes da sua carreira nos últimos tempos, mas todos são de molde a justificar a gratidão dos lisboetas e o fanatismo das massas populares. A totalidade dos seus associados anda próxima dos 65 000. A acção social com a desportiva exerce-se em Lisboa como nas províncias metropolitanas e ultramarinas por meio das suas 48 filiais, por um jornal sucedâneo dos que deram assunto a esta crónica, *O Benfica*; ainda os festivais de cultura física e desportos, a beleza do seu orfeão, as exposições de arte e sobretudo as gloriosas lutas desportivas nas várias modalidades em Portugal, no estrangeiro e nas Áfricas.

O «Benfica» campeão de futebol da Europa, passeando os seus jogadores pelo velho mundo, afirma a existência de Portugal. Há ainda um pormenor que não deve passar em julgado, nos tempos que correm em que os habilidosos da bola são vendidos ou alugados sem olhar à nacionalidade: o «Sport Lisboa e Benfica» nunca exibiu um atleta que não fosse português, genuinamente português, branco preto ou amarelo. Possuidor de instalações magníficas, 5 casas-lares, ginásios, bibliotecas, e o melhor estádio do Império Português, na Luz, em Lisboa, lá para os lados de Benfica, é um organismo perfeito, bem orientado através sessenta anos de vida sempre sob a égide da sua divisa: ... *et pluribus unum*.

No jogo do futebol a associação dos esforços dos 11 jogadores leva à vitória. Todos unidos e com a mesma ideia sem pretenderem salientar-se, contando uns com os outros, são todos por um como cada um é por todos. Este jogo chama-se em inglês «foot-ball association», o que evoca a ideia da associação dos esforços de todos para o bem comum. O «Benfica» nunca se afastou da sua divisa desde os areais de Belém até à magnificência de hoje.

Para findar, quero registar três nomes de varões ilustres que muito fizeram pela causa da educação física nacional como pelo progresso deste clube; Cosme Damião, condutor de homens, dotado de qualidades morais, mentais e físicas que lhe permitiram ser grande no campo de jogos como na organização; Álvaro de Lacerda, jornalista que escreveu nos jornais desportivos fazendo propaganda de boa causa e principalmente no «Sport Lisboa e Benfica»; finalmente, o nosso chorado consócio Norberto de Araújo, o mago das «Peregrinações em Lisboa», grande jornalista que iniciou muito novo a sua brilhante carreira neste periódico, onde a par dos assuntos pròpriamente de política desportiva abordou com preferência as crónicas doutrinárias.

A  
EXPOSIÇÃO ANTONIANA  
NO  
Grupo “Amigos de Lisboa”

COMO se menciona na resenha da actividade cultural relativa ao segundo trimestre do ano em curso, realizou-se mais uma exposição biblio-iconográfica concernente a Santo António, insigne vulto lisboeta, na nossa sede, inaugurada em 13 de Junho e cujo encerramento está previsto para 11 de Julho.

Das manifestações antonianas desta finalidade, de iniciativa dos «Amigos de Lisboa», devem ser recordadas as exposições de várias espécies das colecções do Dr. José Pinto de Aguiar e do nosso director Sr. Júlio Eduardo dos Santos, bem como a de fotografias do mesmo tema integrada na exposição de 1962 promovida pelo também componente da Junta Directiva Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento — todas elas recebidas pelo meio associativo e pela crítica com merecido aplauso.

A exposição do corrente ano, precisamente para que pudesse ser aceite a colaboração de todos os consócios que quisessem associar-se a mais esta manifestação cultural do nosso Grupo — colaboração solicitada, acentue-se, com o mais vivo empenho — não teve, por isso mesmo, qualquer programa previamente delineado. Note-se que, todavia, tal carácter genérico em nada diminuiu o seu interesse, pois em geral estas exposições contribuem para conhecimento de muitas espécies ignoradas, tanto no domínio da iconografia como do folclore, algumas até de acentuado valor, além de, no campo da produção histórica e literária, constituírem subsídio não despiciendo para a elaboração — que certamente um dia será feita — da bibliografia antoniana nacional.

Para registo deste importante número das actividades dos «Amigos de Lisboa» em 1963, segue-se sintética menção das principais espécies bibliográficas e iconográficas que estiveram presentes.

A todos os expositores, aqui deixa consignada a Junta Directiva a expressão do seu reconhecimento.

**GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»**

*Imagem de Santo António*, de madeira estufada; coroa do Menino Jesus, resplendor do Santo, cruz, etc., de prata. Século XVIII.

*Santo António*, pintura a têmpera do sócio n.º 3317, Sr. Figueiredo Sobral (obra premiada na Exposição Antoniana do Estoril de 1961). Oferta do autor ao Grupo.

*Painel de azulejos* (A. 270 x L. 400 mm), em moldura de ferro forjado, com a seguinte quadra do Coronel Pereira Coelho:

A quem nos não quizer bem,  
Santo António não perdoa,  
Porque ele próprio também  
Foi Amigo e Lisboa.

*Fotografias* de imagens do Taumaturgo.

*Selos* da emissão comemorativa do VII centenário da morte de Santo António de Lisboa, carimbados na Estação «Lisboa Central» em 13 de Junho de 1931. Oferta ao Grupo do sócio n.º 1250, Sr. José Francisco de Oliveira.

*Bibliografia*: numerosas obras, originais, entre outros, de Agostinho de Campos, Alfredo Ferreira do Nascimento, Américo Cortez Pinto, Augusto Pinto, Joaquim Leitão, Júlio Eduardo dos Santos, Santos Furtado, etc.

**Doutor EDUARDO AUGUSTO**

**DA SILVA NEVES**

SÓCIO N.º 27

**ICONOGRAFIA**

*Imagem de Santo António*, de madeira. Século XVII (?).

*Imagem*, de madeira, rosto e mãos de marfim (oriental).

*Três imagens antigas*, de cerâmica.

(Estas cinco imagens possuem coroas, resplendores e cruzes de prata.)

*Pequena imagem*, cerâmica popular.

*Imagem* de madeira estufada. Século XVIII.

*Imagem*, pequena, cerâmica antiga, com resplendor de prata.

*Imagem*, pequena, oriental, também com resplendor.

*Imagem*, pequena, de pó de pedra.

*Pequena imagem*, barro, ass. J. S. Pedro, 59.

*Imagem de Santo António com o Menino*, pintura sobre vidro. Século XIX (?).

*Numerosos registos*, portugueses e estrangeiros.

*Gravuras diversas, tricromias, litografias*, etc.

*Gravura italiana*, antiga, representando Santo António, com moldura bordada a ouro.

*Gravura*: Frontespício da «Chronica da Santa e Real Provincia da Conceyção de Portugal» – Lisboa, 1754 (Dim. da mancha: 33 x 22 mm. Des. de José de Almeida; gr. de G. F. L. Debrie, 1753). Inclui a efígie de Santo António.

*Almofada*, de couro pirogravado.

*Ventarola*, de cartão, da «Casa Mimoso» (VII centenário, 1895).

*Selos*, emissão italiana comemorativa do VII centenário da morte de Santo António, 1931. (Colec. completa).

*Revista Pitoresca e Descritiva de Portugal*. Com vistas fotográficas, pelo arq. J. P. N. da Silva: as igrejas da Sé e Santo António. 1861. [Cartão de grande formato, tendo ao centro, colada, uma fotografia dos dois templos e aos lados, impressas, as respectivas descrições.]

*Colecção de vinhetas, fotografias, postais* (entre eles vários da série «Restauração de Portugal – Guerra Peninsular»), etc.

## MEDALHÍSTICA

### 31 medalhas comemorativas e de devoção.

Entre elas contam-se as seguintes:

3 medalhas do Congresso Católico Internacional de Lisboa (1895); medalha comemorativa do VII cent. (1895), com a cruz antoniana, da «Casa Mascote»; idem, de prata; idem, de estanho; outra medalha da mesma comemoração centenária, de prata, com a cruz de Cristo; medalha de cobre da Associação da Infância Desvalida; idem, de alumínio, da mesma instituição; medalha de metal dourado, com a imagem do Santo e a sua igreja de Lisboa; medalha de latão com Santo António de Pádua e Nossa Senhora; idem, com Santo António e S. Pedro de Alcântara; de metal amarelo, comemorativa do bicentenário da Basílica de Mafra; de «vermeil», da autoria do escultor João da Silva; de barro, comemorativa das «Festas de Lisboa» de 1934, etc., etc.

## BIBLIOGRAFIA

*Cultos de Devoção e Obséquios* [...]. Lisboa, ed. de 1761 e 1802.

*Livros de devoção*, nacionais e estrangeiros.

J. E. M. — *Sermão de Santo António* [...] — Lisboa, 1863.

Reprod. da *Cirurgia Classica, Lusitana* [...], obra oferecida ao «Glorioso Thaumaturgo Portuguez Santo Antonio», por António Gomes Lourenço—Lisboa, 1754.

Numerosas espécies de autores portugueses, entre os quais: Agostinho de Campos, Alfredo Gândara, Alves Mendes, Amadeu Ferreira de Almeida, António de Vasconcelos, Aquilino Ribeiro, Avelino de Sousa, P.º José Rolim, Júlio E. Santos, Manuel Bernardes Branco, Sousa Monteiro, etc. Catálogos de exposições e come-

morações centenárias e outras relativas a Santo António, etc.

## HUGO RAPOSO

SÓCIO N.º 40

*Imagem de Santo António*, de madeira; coroa do Menino Jesus e resplendor do Santo, de prata — Século XVIII.

*Imagem*, cerâmica, da autoria do escultor Jorge Vieira.

Joseph Correa Leytam — *Treze Exposições Panegyricas da Vida do Glorioso Thaumaturgo Portuguez S. Antonio* [...] — Lisboa Ocidental, 1734.

## Prof. Doutor FERNANDO FREITAS SIMÕES

SÓCIO N.º 95

*Selos* da emissão comemorativa do VII centenário do nascimento de Santo António de Lisboa — 1895 (colec. completa).

*Selos* da emissão comemorativa do VII centenário da morte de Santo António de Lisboa — 1931 (colec. completa).

*Idem*, com sobretaxa a preto. Circularam de 1933 a 1945 (colec. completa).

*Cultos de Devoção e Obséquios* [...] — Lisboa, ed. de 1828 e 1831.

## D. MARIA DE PORTUGAL

SÓCIO N.º 101

*Santo António embarca para a Africa*, miniatura de cerâmica policrômica.

(Da autoria da Expositora.)

## D. HILDA MAGANO DE MATOS

SÓCIO N.º 315

*Imagem de Santo António*, de madeira estufada. Resplendores do Menino Jesus e Santo António e cruz ostentada pelo Thaumaturgo na mão direita, de ouro e rubis — Século XVIII.

**CAETANO DOS REIS**

SÓCIO N.º 450

Brás Luís de Abreu — *Sol Nascido no Ocidente* [...]. Edição popular — Lisboa, s. d. [1895].

*Almanaque de Santo António* — Braga, vários anos.

*Santo António dos Olivais* (Coimbra), monografia ilustrada.

**Dr. JOSÉ A. VIDEIRA**

SÓCIO N.º 652

*Santo António e o Menino*, relevo de cerâmica.

*Santo António*, gesso.

(Obras da autoria do Expositor.)

**FERNANDO DIAS PEREIRA**

SÓCIO N.º 2101

*Santo António e o Menino*. Pintura sobre tela. Escola Portuguesa — Século XVII (?). A. 620 x L. 490 mm.

*Imagem*, cerâmica, reproduzindo uma escultura medieval.

*Outras imagens* e pequenas espécies iconográficas.

*Fotografias*: da tela de Murillo do Museu Provincial de Sevilha; do painel de azulejos com uma poesia assinada por «Um Pescador», existente na parede exterior da capela de Santo António, em S. Martinho do Porto; idem, da reconstituição do quarto de Santo António, na Exposição do Mundo Português (1940); etc.

*Bibliografia*: obras de autores portugueses, entre os quais Estêvão Pinto, Sousa Escrivanis, Hipólito Raposo, Luís Reis Santos, etc.

**D. RACHEL MOUFLARD HANSSON**

SÓCIO N.º 2838

*Imagem de Santo António*, cerâmica, vidrada, em nicho de madeira com incrustações de metal.

**JOAQUIM ANTÓNIO F. PINTO**

**CORREIA**

SÓCIO N.º 3045

*Imagem de Santo António*, de madeira, popular — Século XVII.

**MARCIAL PEREIRA MENDES**

SÓCIO N.º 3188

*Dois registos*, em tricromia, emoldurados. *Registo*, grav. francesa.

*Casa de Santo António*, na Exposição do Mundo Português (descrição).

*Postais* de assunto antoniano, dos quais um com a imagem do Patrono do 2.º Regimento de Infantaria de Lagos.

*Catedral de Lisboa e Igreja de Santo António*, do «Guia de Turista em Lisboa».

**JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS**

SÓCIO N.º 3214

*Torre sineira da Igreja de Santo António dos Portugueses*, desenho do pintor Domingos Rebelo.

*Retábulo do altar-mor do mesmo templo*, reprod. de gravura antiga.

*Santo António e o Menino*, pintura sobre madeira. Escola Portuguesa — Século XVIII. A. 300 x L. 220 mm.

*Idem*, pintura sobre seda.

*Busto de Santo António*, xilografura de Caetano Alberto.

*Cláustro da Basílica de Pádua*, aguarela.

*Santo António e o Menino*, cerâmica.

*Trono infantil* (estilização moderna).

*Bilba de cerâmica*, com a imagem do Tautomaturgo e a mesma quadra do painel de azulejos exposto pelo Grupo «Amigos de Lisboa».

**RAUL XAVIER**

SÓCIO N.º 3450

*Santo António*, imagem de barro cozido.

(Da autoria do Expositor.)

★

Enviaram também espécies iconográficas e bibliográficas — que a seguir se registam igualmente em síntese — os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. António José Vidal Baptista, ilustre Director da nossa associada n.º 2961 a Biblioteca-Museu Municipal de Vila Franca de Xira, António da Silva Penna Peralta e Orlando Brás.

**Dr. ANTÓNIO JOSÉ VIDAL  
BAPTISTA**

Cerca de 80 espécies iconográficas, das quais se mencionam:

*Imagem de Santo António*, de madeira, estufada, em peanha dourada — *Século XVIII*.

*Duas imagens*, de «biscouto», das peças comemorativas do centenário da Fábrica da Vista Alegre.

*Dezanove imagens*, de madeira, cerâmica, etc., algumas populares.

*Dois azulejos* — *Século XVIII*.

*Registos antigos*, sendo um de Vila Franca de Xira.

*Capela de Santo António*, de Vila Franca de Xira, cerâmica conimbricense.

*Santo António*, litogr. portuguesa (1895); folha com a sua imagem e vários milagres, em xilogravuras de Pastor; idem, em litogr. e tricr., de origem francesa e italiana.

*Dois desenhos*.

*Pequenas imagens, placas de cerâmica, fotografias, medalhas*, etc.

*Bibliografia*: numerosas espécies, entre as quais a ed. de 1672 do sermão pregado

na Igreja das Chagas, de Lisboa, pelo P.<sup>o</sup> António Vieira, e outro do P.<sup>o</sup> Manuel Pereira, recitado também na capital em 1668, e variadas obras de autores portugueses e estrangeiros, como Américo Cortez Pinto, Afonso Lopes Vieira, António João Bispo, António Lindoso, P.<sup>o</sup> Fernando Félix Lopes, Gino Saviotti, Fonseca Neves, J. Eduardo Santos, Leyguarda Ferreira, Lopes de Mendonça, Mário Areias, Mário Gonçalves Viana, Matos Sequeira, Oliveira Guimarães, etc. Revistas, catálogos de exposições antonianas, composições musicais, etc.

**ANTÓNIO DA SILVA PENNA  
PERALTA**

*Dois álbuns* de mais de 300 folhas, destacáveis, com gravuras, registos antigos e modernos, fotografias, ex-libris, portadas e ilustrações de livros e revistas, postais, selos, vinhetas, reclamos comerciais, etc.

**ORLANDO BRÁS**

Erhard Schlund, O. F. M. — *Antonius von Padua. Festgabe zum 700. Todestag*. Herausgegeben von J. ... — Wien, 1931 [obra comemorativa do VII centenário da morte de Santo António].

# ACTIVIDADE CULTURAL

*do Trimestre Passado*

(segundo de 1963)

**N**A sequência da sua actividade cultural os «Amigos de Lisboa» no mês de Abril, por sugestão e convite da Fábrica de Cerveja Estrela, na Avenida Sacadura Cabral, 40, nos dias 20 e 27 realizaram-se visitas às suas instalações dirigidas pelo encarregado das relações públicas da Sociedade Central de Cervejas, nossa consócia, o Sr. José Meneses Duarte, que em palestra prévia e diante de gráficos explicativos, elucidou os visitantes sobre o fabrico da cerveja e o funcionamento da Fábrica; no final da visita foi facultada aos visitantes uma prova de cerveja e oferecido a cada um, um copo-recordação.

A 25 do mesmo mês, na nossa sede o consócio Sr. Dr. José Garrido Mendes da Cruz preleccionou sobre o *Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Lisboa*. Fez nessa ocasião uma pequena exposição documental sobre o Museu.

Em 28, deslocaram-se os «Amigos de Lisboa» à Escola Técnica Manuel da Maia, na Rua Freitas Gazul, aos Prazeres, onde foram recebidos pelo seu Director o Professor Jorge Valadas acompanhado dos seus colaboradores Srs. Joel de Mascarenhas, António Machado Ferreira e Dr.<sup>a</sup> D. Noémia Paixão. Durante a visita foi examinada uma exposição dos trabalhos dos alunos sobre o tema *Lisboa é Nossa — Santo António é de Lisboa*, que muito interessou os visitantes.



Escola Técnica Elementar Manuel da Maia — Trabalho colectivo ligado ao tema:  
«Santo António é de Lisboa»

Em Maio, a 4, realizou-se mais uma visita à Fábrica de Cerveja Estrela; e, em 11, à tarde, e 12, de manhã, foi visitado o Silo Portuário de Lisboa, ao Beato, propriedade da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Estas visitas, que reuniram cerca de uma centena de sócios e suas famílias, foram dirigidas pelo Sr. Eng.-Agr.º Fragoso de Almeida que em nome do Presidente da Federação, o Sr. Eng.-Agr.º Luís Quartin Graça, saudou os visitantes e os elucidou sobre o funcionamento do silo.

Aos visitantes foi oferecido, no último andar, o belo espectáculo do extraordinário panorama de Lisboa e estuário do Tejo, tendo sido servido um aperitivo.

A 16, na sede, a nossa consócia Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Cabedo Cardoso realizou uma conferência, com propeccções, sobre *Uma valiosa capela desconhecida do grande público*, cujo texto com gravuras se publica neste número. Trata-se do Palácio Sinel de Cordes, em Barcarena.

A 17, foi visitada a nova Fábrica de Tabacos, propriedade da nossa consócia a Companhia Portuguesa de Tabacos. A Cabo Ruivo deslocaram-se numerosos sócios e suas famílias que acompanhados por alguns directores foram recebidos em nome do Conselho de Administração pelos Srs. Joaquim Miguel de Serra e Moura e Eng. Vasco Cruz, director da Fábrica, que elucidaram os visitantes sobre o funcionamento das mais modernas máquinas, ultimamente adquiridas. Na Creche anexa e nos Serviços Sociais, foram os visitantes cumprimentados pelo nosso consócio Dr. Manuel Vicente Moreira, director dos serviços médicos da instituição.

Na noite de quinta-feira, 30, o nosso consócio Sr. Albert Schmidt apresentou uma curiosa e interessante série de diapositivos a cores de

sua autoria, focando Lisboa e arredores e ilhas de S. Miguel e Madeira. Foi uma notável exibição artística.

Em Junho, o Sr. António Penna Peralta proferiu, na sede, uma palestra sobre *Lisboa berço do maior Santo da Cristandade*.

A 13 — dia de Santo António e feriado municipal — foi inaugurada, na nossa sede, uma Exposição Antoniana, a que concorreram vários sócios com a presença do presidente da Junta Directiva, Prof. Doutor Freitas Simões, acto em que usou da palavra o Secretário-Geral Adjunto Sr. Fernando Dias Pereira. A lista dos expositores e a resenha dos objectos expostos é publicada neste número. À exposição fez larga referência a Imprensa e a Radiotevisão, incluiu-a num dos seus programas.



*Escola Técnica Elemental Manuel da Maia — Trabalho colectivo ligado ao tema: Lisboa é nossa*

Na noite de quinta-feira, 20, o nosso consócio Sr. Dr. Paulo Gustavo Caratão Soromenho realizou uma conferência sobre *Uma casa de Alfama*, casa sua propriedade, cuja construção e história evocou com sentimento, tendo exibido alguma documentação iconográfica. A conferência, que será publicada no próximo número de OLISIPO, foi



*No acto inaugural da Exposição Antoniana,  
na sede Grupo*

presidida pelo nosso Secretário-Geral, acompanhado na Mesa pelo Prof. Cruz Filipe, do Ateneu Comercial de Lisboa, e Dr. José Pedro Machado, da Sociedade da Língua Portuguesa.

A actividade cultural do Grupo terminou em 23 de Junho com a visita cultural a Vila Franca. Em seis autocarros e vários automóveis, os «Amigos de Lisboa» visitaram:

- a) A Estação de Selecção de Sementes e Silo da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, onde foram recebidos pelo Eng. Sousa Franco, em nome do Presidente da Federação, Sr. Eng. Quartin Graça. Após palestra elucidativa, foi vista uma linha em funcionamento. É de acentuar que os maquinismos existentes têm todos o nome evocativo dum personagem ligado à vida do campo e que são lembrados em lápides os construtores e delineadores do edificio;
- b) Os jardins da Quinta do Cabo, do Sr. José Van Zeller Palha, graciosamente delineados ao geito sevilhano, com belos pomares e lindas flores;
- c) A capela do Senhor Jesus da Boa-Morte, passando pela povoação de Povos, com um lindo pelourinho. Do alto do Senhor Jesus da Boa-Morte, disfruta-se magnífico panorama sobre a lezíria;
- d) Depois de ligeiro repouso, por gentil amabilidade do Clube Vilafranquense, foi visitado o edificio da Patriarcal, da Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, onde fomos recebidos pelo Eng. Calheiros Martins;
- e) Após a visita ao Jardim Constantino Palha, extenso e bem delineado logradouro público à beira-rio, foi visitada a Biblioteca-Museu, nossa consócia, onde o seu Director, Sr. Dr. António José Vidal Baptista, acompanhado do seu colaborador Sr. Raul de Carvalho, saudou os visitantes, tendo agradecido o Secretário-Geral, que nesta visita como nas outras realizações deste trimestre foi acompanhado pelos directores Srs. Dias Pereira, Coronel Afra Nozes, Ferreira do Nascimento e Júlio Eduardo dos Santos.

Ao terminar a resenha da nossa actividade cultural é de referir a operosidade na direcção da última visita e na colaboração da Expo-

sição Antoniana do Dr. Vidal Baptista, que em Vila Franca, sua terra, por que é apaixonado, é simultâneamente Vice-Presidente da Câmara, Presidente da Direcção do Clube Vilafranquense, Director da Biblioteca-Museu e Presidente da Comissão Administrativa da Capela do Senhor Jesus da Boa-Morte,

À nossa actividade cultural referiu-se largamente a Imprensa, inclusive a de Vila Franca, e a Rádio.

O Grupo convidado para várias realizações culturais fez-se representar na Feira Internacional das Indústrias, na Exposição Antoniana da Junta de Turismo da Costa do Sol (coleção do nosso consócio Sr. Eng. Júlio Eduardo dos Santos), em conferências na Sociedade de Geografia, particularmente nas comemorações do centenário de Garcia d'Orta, na homenagem ao Prof. Doutor Costa Sacadura, na Casa das Beiras, e bem assim nas homenagens ao académico Sr. Gustavo de Matos Sequeira e ao jornalista Sr. João Pereira da Rosa.

E. N.

## « OCIDENTE »

Por lamentável lapso ao referirmo-nos ao XXV aniversário da Revista *Ocidente*, veio alterado o nome do seu ilustre fundador e director durante longos anos — Álvaro Pinto. Nesta Casa o ilustre publicista é sempre recordado com a memória devida aos bons obreiros das boas causas.

Pelo aborrecido erro, apresentamos as nossas desculpas a *Ocidente* e à sua actual Direcção.



# Feira da Ladra



## FICHEIRO

*As fichas, que vão arquivar-se em OLISIPO, visam pôr à disposição dos «Amigos de Lisboa» um resumo das colectividades lisboetas que, mercê de muita dedicação, dignificam a Cidade com o que têm realizado, principalmente nos sectores da cultura e da beneficência.*

*Grandes figuras do teatro, da música e das artes plásticas, revelaram-se nalgumas dessas simpáticas e úteis instituições populares.*

*Uma explicação devemos, desde já, ao leitor: as «fichas» irão surgindo na medida do possível, sem preocupações de selecção.*

*Apenas visamos divulgar como e onde nasceram, onde existem e a que se dedicam, assim fornecendo elementos aos estudiosos desta «mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa», para cometimentos de maior vulto.*

### **1. Sociedade Promotora de Educação Popular**

Fundada por um grupo de alcantarenses paladinos da instrução popular, em 30 de Setembro de 1904.

Instalaram-se na Rua da Oliveira, em Alcântara, donde transitaram para o edifício do Largo das Fontainhas, ao Calvário, de que mais tarde se tornaram proprietários, e onde funciona o seu cinema que se popularizou com a designação de «Promotora».

A colectividade dedica-se à difusão da instrução primária, à beneficência e ao recreio.

### **2. Grupo Onomástico «Os Carlos»**

A fundação do primeiro grupo onomástico de Lisboa ficou a dever-se ao jornalista e escritor Carlos Ornelas.

Fundado em 4 de Novembro de 1930, o grupo ensaiou os seus primeiros passos na Rua da Horta Seca n.º 7, tendo actualmente a sua sede na Praça da Alegria n.º 38, 1.º, e registando o seu ficheiro mais de 16 000 sócios.

Procurando enriquecer o cabedal de conhecimentos dos Carlos e tornar menos difícil a vida dos que foram surpreendidos pela sua hora menos feliz, a acção deste grupo onomástico é, por excelência, de solidariedade.

A assistência prestada a lactantes, às crianças carecidas de vestuário e calçado, estudantes, proporcionando-lhes livros de estudo, cursos gratuitos, visando o aperfeiçoamento técnico dos empregados de escritório, consultas médicas, medicamen-

tos, fornecimento de aparelhos ortopédicos, farinhas e leite condensado, berços e enxovais para recém-nascidos, colocações para desempregados e deligências para melhoria de situação, constituem esse movimento de solidariedade.

No campo cultural, além de uma biblioteca com cerca de 5000 obras, promovem conferências e visitas de estudo, editando, desde Outubro de 1942, um bem elaborado boletim.

É esta, em síntese, a acção desenvolvida pelo Grupo Onomástico «Os Carlos», cuja divisa é: *Em prol e a bem dos Carlos*, sem quaisquer distinções, sejam elas de que natureza forem.

Z. S.

## Alfama

João Clara & C.<sup>a</sup> e Leonel Gomes Coelho, o operoso gerente do Restaurante Folclore, deram início a umas excursões nocturnas intituladas «Alfama à noite» com o fito de mostrar o nosso típico bairro a lisboetas e turistas.

A organização tal como foi inaugurada, metódica e bem orientada, é de efeito feérico e surpreendente. Teve início no novo Miradouro de Santa Luzia, prolongado pelo Largo das Portas do Sol, obra que simultâneamente desafiou o Palácio onde está instalado o Museu da Fundação Espírito Santo e proporcionou um exame sobranceiro ao velho casario do bairro. No itinerário previsto foram visi-

tados alguns cantos típicos e locandas afamadas. Tomaram os participantes na visita inaugural (cerca de duzentas pessoas da *élite* intelectual e artística da capital) uma «Ginginha» no «Bico da Bota», provaram tinto do Termo com presunto, *a fazer boca*, ouvindo de mistura o cantor António no seu Cantinho e fados e guitarradas por outros artistas do local; continuando, por escadinhas e ruelas, visitou-se o Beco do Carneiro onde os telhados se beijam e parou a caravana no Largo de S. Miguel onde, à roda do coreto e em pleno arraial com música e balões, foi servida a típica ceia (sardinha assada com salada, iscas, pastéis de bacalhau, caldo verde e arroz doce). Ao som da fanfarra a população dançava e os visitantes dançaram também. Era de ver os circunspectos convivas com as respectivas esposas ou filhas rodopiarem de mistura com o populacho e cantando com ele. Verdadeira fraternidade folclórica. Terminou a visita com saída pelo Arco do Rosário onde nos esperava como fim de festa o coro do Restaurante Folclore e o simpático casal de acordeonistas que nos ofereceram «Lá vai Lisboa», «Alfama é nossa» e um apetitoso corridinho que só não foi dançado porque estávamos nas escadinhas.

Espectáculo de ver e assistir, reclame interessantíssimo das belezas vetustas do nosso velho burgo. «Amigos de Lisboa» agradecem os convites recebidos.

E. N.

# LIVROS

## EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS



### VARIA

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Evocação do Café Martinho ... ..		esgotado
* Noite de evocação do Leão de Ouro ... ..	18\$50	15\$00
* Urbanização de Lisboa ... ..	4\$50	5\$00
* Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins ... ..		esgotado
* Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem,	18\$00	20\$00
* Evocação do Café-Restaurante Tavares ... ..		esgotado
* Jantar de Confraternização na Casa do Leão ... ..		»
* A cor de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00

### ENG. A. VIEIRA DA SILVA

* O Castelo de S. Jorge ... ..	13\$50	15\$00
* A Ponte de Alcântara ... ..	13\$50	15\$00
* Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa ... ..		esgotado
* Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00

### DR. ALFREDO DA CUNHA

* Olisipo berço do periodismo português ... ..	13\$50	15\$00
--	--------	--------

### ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos ... ..	13\$50	15\$00
O Quartel de Campolide ... ..	13\$50	15\$00
O Quartel do Regimento do Conde de Lippe ... ..		esgotado
A Torre do Bugio ... ..	18\$00	20\$00

### DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

Dicionário Excêntrico ... ..	36\$00	40\$00
------------------------------	--------	--------

### DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

O Enigma de Lisboa ... ..	7\$00	7\$50
---------------------------	-------	-------

### ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

* A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão ... ..	13\$50	15\$00
* O Campo de Santa Clara ... ..	13\$50	15\$00
* Ronda e Silva de Lisboa Velha ... ..	9\$00	10\$00
* Bagatelas de tempo vário ... ..	9\$00	10\$00

### DOUTOR EDUARDO NEVES

Uma recordação sebástica no Sítio da Luz ... ..		esgotado
Um arcebispo Primaz ... ..		»
João Alberto Pereira de Azevedo Neves ... ..		»
Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho ... ..		»

\* Edição do Grupo.

**DOUTOR EDUARDO NEVES**

	PREÇOS	
	Sócios	Público
* Ruínas do Carmo ... ..	esgotado	
* Igreja da Penha de França ... ..	»	
* Faculdade de Medicina ... ..	»	
Lisboa nos Ex-Libris ... ..	»	
Lisboa na Numismática e na Medalhística ... ..	»	
O Convento dos Barbadinhos Italianos ... ..	»	
Do Sítio do Intendente ... ..	»	
Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa ... ..	»	
Alocuções ... ..	»	
* Homenagem a Matos Sequeira... ..	»	
Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 ... ..	15\$00	20\$00
Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837 ... ..	esgotado	
A Propósito do 50.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício da Sociedade «A Voz do Operário»... ..	fora do mercado	

**F. A. GARCEZ TEIXEIRA**

* A Irmandade de S. Lucas ... ..	13\$50	15\$00
----------------------------------	--------	--------

**FRANCISCO LEITE DE FARIA**

Lisboa e S. Lourenço de Brindes ... ..	13\$50	15\$00
Alvoroço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio ... ..	13\$50	15\$00
A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou ... ..	13\$50	15\$00

**FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS**

O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria ... ..	18\$00	20\$00
O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa ... ..	18\$00	20\$00

**DR. GILBERTO MONTEIRO**

Esboço histórico do Hospital de Belém ... ..	esgotado	
D. Gilberto ... ..	13\$50	15\$00

**GODOFREDO FERREIRA**

Um ricaço lisboeta do século XVII ... ..	esgotado	
--	----------	--

**GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA**

* Lisboa (Comédia) ... ..	18\$00	20\$00
---------------------------	--------	--------

**HENRIQUE LINHARES DE LIMA**

Vultos e sombras medievais ... ..	45\$00	50\$00
-----------------------------------	--------	--------

**HUGO RAPOSO**

Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo ...	9\$00	10\$00
Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa... ..	esgotado	

\* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Sócios	Público
<b>J. S. VIEIRA</b>		
O Convento dos Marianos ... ..		esgotado
<b>JOÃO MONTEIRO</b>		
* Estrada de Sacavém ... ..	27\$00	30\$00
<b>JOAQUIM ROQUE DA FONSECA</b>		
A Urbanização de Lisboa ... ..	13\$50	15\$00
<b>JULIETA FERRÃO</b>		
Lisboa 1870 ... ..		esgotado
<b>ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS</b>		
Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960 ... ..	9\$00	10\$00
Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962 ... ..	18\$00	20\$00
Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963... ..	18\$00	20\$00
<b>DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO</b>		
* O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus... ..		esgotado
<b>LUIS MOITA</b>		
* A Ermida de Santo Amaro ... ..		esgotado
O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses ... ..	7\$00	7\$50
Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ... ..	12\$50	12\$50
<b>LUIZ PASTOR DE MACEDO</b>		
* Ascendentes de Camilo ... ..	13\$50	15\$00
<b>LUÍS TEIXEIRA</b>		
O «Diário de Notícias» e o Século XIX ... ..	4\$00	5\$00
<b>DR. MANUEL VICENTE MOREIRA</b>		
Jardins de Lisboa e Porto ... ..	9\$00	10\$00
Lisboa Oriental ... ..	4\$00	5\$00
O Problema da Habitação ... ..	27\$00	30\$00
<b>MÁRIO COSTA</b>		
Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ... ..	18\$00	20\$00
Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ... ..	13\$50	15\$00
A Patriarcal Queimada ... ..	18\$00	20\$00
O Palácio do Manteigueiro ... ..	18\$00	20\$00
O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira ... ..	18\$00	20\$00
Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda ... ..	36\$00	40\$00
O Sítio de Santo Amaro ... ..		esgotado
Duas facas de mato notáveis ... ..		»

\* Edição do Grupo.

	PREÇOS	
	Socios	Público
Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra ... ..	esgotado	
A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu... ..	»	
No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V ... ..	18\$00	20\$00
<b>MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO</b>		
* A Igreja da Conceição Velha ... ..	esgotado	
* A Igreja e o Convento da Graça ... ..	13\$50	15\$00
Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.* Maria de Belém	45\$00	50\$00
A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa ... ..	18\$00	20\$00
A Calçada da Ajuda ... ..	esgotado	
<b>NORBERTO DE ARAÚJO</b>		
* Pequena Monografia a S. Vicente... ..	9\$00	10\$00
<b>NUNO CATHARINO CARDOSO</b>		
Infante D. Henrique — Nótulas históricas ... ..	9\$00	10\$00
<b>PROF. PEDRO JORGE PINTO</b>		
A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)... ..	135\$00	150\$00
<b>RUY DE ANDRADE</b>		
* Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina ... ..	9\$00	10\$00
<b>DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ</b>		
Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Orlisiponense... ..	45\$00	50\$00
A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro ... ..	18\$00	20\$00
<b>ROBERTO DIAS COSTA</b>		
A Paróquia de S. Jorge de Arroios ... ..	esgotado	
<b>TINOP</b>		
* Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. ... .. cada	13\$50	15\$00

\* Edição do Grupo.



Apresentação dos melhores Artistas do

FADO  
VARIEDADES e  
FOLCLORE NACIONAL

Excelentes serviços de  
COZINHA E BAR

42, Rua da Barroca, 56 -- Telef. 36 93 87- 32 19 23

BAIRRO ALTO - LISBOA

Banquetes, Jantares e Ceias  
Modernas instalações - Ar condicionado

**conforto  
e economia**

**só com**

**GÁS**

**DA COMPANHIA**



GABRIEL FERREIRO

**UMA CHAMA QUENTE E BOA AO SERVIÇO DE LISBOA**

**COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE**

**Salões de Venda**

**Rua Garrett, 2 - Rua da Boa Vista, 39**

**BERTRAND (IRMÃOS), LDA.**

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA  
TIPOGRAFIA  
LITOGRAFIA  
ROTOGRAVURA  
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A

**LEGAL & GENERAL**

*agradece aos*

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm  
dado, para os seus  
contratos de seguros*

Capital e Reservas:

**550 MILHÕES DE LIBRAS**

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

**E. Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

LISBOA

TRANSPORTES  
MARÍTIMOS  
E AÉREOS

AGÊNCIA DE TURISMO

CARVÃO, SEGUROS  
REPRESENTAÇÕES  
(Industriais, etc.)  
FOLHA DE FLANDRES  
E AÇÓS  
EXPORTAÇÕES  
IMPORTAÇÕES

No Porto:

**Kendall, Pinto Basto & C.<sup>a</sup>, Lda.**

**COMPRAMOS**

**LIVROS DE BONS AUTORES**

Grandes e pequenas quantidades

**LIVRARIA «ECLÉTICA»**

Calçada do Combro, 58

Telef. 32 86 63

LISBOA

# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

(DIAMANG)

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Com o capital de

ESC. 294.100.000\$00

•  
Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•  
*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º - Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração

e

Administrador-Delegado

*Com. Ernesto de Vilhena*

Presidente dos

Grupos Estrangeiros

*Le Baron Pierre Bonvoisin*

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA

Director-Geral

*Eng. João Augusto Bexiga*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA

Representante

*Dr. Sílvio Guimarães*



posso garantir  
que os anúncios  
nos bilhetes dos  
carros eléctricos  
e dos autocarros  
são bons  
... e baratos.

\*  
Peça informações



**CARRIS-PUBLICIDADE**

CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 - LISBOA 2 - TEL. 55055

20

NA LISBOA  
DE ONTEM



E

NA LISBOA  
DE HOJE



COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,  
CONTRA A TOSSE:

**BENZO-DIACOL**